

Bresser quer apressar negociação da dívida

BRASÍLIA — A queda recorde da Bolsa de Valores de Nova Iorque, na segunda-feira, pode elevar, a médio prazo, as taxas de juros internacionais, o que torna mais urgente a renegociação da dívida externa brasileira e dentro dos moldes propostos pelo governo, como o restabelecimento de um teto para as taxas de juros incidentes sobre os débitos brasileiros, para que o país não fique à mercê das flutuações do mercado internacional.

A afirmação é do ministro da Fazenda, Bresser Pereira, que também observou que o impacto da queda da bolsa nova-iorquina criará problemas para o Brasil e todo o mundo capitalista. Segundo Bresser, as perdas dos investidores norte-americanos poderão levar a economia dos Estados Unidos a entrar num processo de desaquecimento que, eventualmente, poderá levar a economia mundial para a recessão.

Embora a recente alta da *prime* (taxa

de juros utilizada pelos bancos americanos) tenha sido um dos agentes causadores da queda da bolsa de Nova Iorque, economistas do governo trabalham com a hipótese de uma subida lenta e gradual, mas constante, dos juros, o que poderá determinar uma revisão dos números necessários para o Brasil refinar a sua dívida nos próximos três anos, no total previsto de 10 bilhões 400 milhões de dólares, até o momento.

Para evitar essa revisão, o ministro Bresser Pereira insistiu no fechamento de um acordo com os bancos credores com a fixação de limites máximos para a *prime*, em relação ao Brasil. Segundo ele, o valor que ultrapassasse esse teto seria capitalizado nos juros a vencer no futuro.

Bresser Pereira observou que o sinal de recessão emitido pela queda da Bolsa de Nova Iorque é reflexo dos problemas enfrentados há algum tempo pela economia norte-americana e que agora apare-

ceram com mais força. Amenizou, porém, os efeitos da queda nas bolsas do Rio de Janeiro e de São Paulo — “as bolsas brasileiras são pequenas”, afirmou — e também as conseqüências do desaquecimento da economia americana, porque, segundo o ministro, “não existe uma relação tão direta entre recessão nos Estados Unidos e no Brasil”.

Responsáveis pela área de comércio exterior do ministério das Relações Exteriores consideram “prematura” qualquer avaliação a respeito dos reflexos da queda da bolsa Nova-iorquina nas transações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos. Em princípio, porém, não se acredita em uma recessão acentuada que impeça, de forma substancial, a importação de produtos brasileiros nem a ampliação das barreiras protecionistas. O mercado, segundo um graduado diplomata do setor, está mais equilibrado e menos emocional.